

# Nós e nossos mitos<sup>1</sup>

## *Us and our myths*

---

*Sergio Andraus\**

### **Resumo**

Neste trabalho realizamos uma leitura crítica de aspectos dos mitos freudianos. As transformações éticas e culturais do nosso tempo expõem o fundamento mítico da humanidade de Freud como uma incubadora de todos os sintomas *do homem contemporâneo*. A partir do presente, uma luz é lançada ao passado, e ilumina uma ficção do presente. O florescimento mítico da humanidade, estreitado aos limites do que sonha a nossa própria cultura, compromete o anseio pelo devir, pois é no mito que nós espelhamos o futuro.

**Palavras-chave:** Freud. Mito. Memória. Racismo.

### **Abstract**

*In this paper, we carry out a critical interpretation of some aspects of Freudian myths. The ethical and cultural transformations of our time expose Freud's mythical foundation of humanity as an incubator of all the symptoms of contemporary man. From the present time, a light is shed on the past, and illuminates a fiction of the present. The mythical flourishing of humanity, narrowed to the limits of what our own culture dreams of, compromises the yearning for becoming, because it is in myth that we mirror the future.*

**Keywords:** Freud. Myth. Memory. Racism.

---

<sup>1</sup> Texto escrito como fala para a mesa de debate que ocorreu no dia 11 de novembro de 2023 no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, com a temática “Há uma fenda em tudo, é assim que a luz entra: abrindo espaço para invisibilidades e sonhos”.

\* Psiquiatra e psicanalista. Mestre e doutor em Memória Social pelo Programa de Pós-graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Membro associado da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. sergioandraus1@gmail.com

Se os relatos míticos são interpretações, conformadoras da realidade, de eventos catastróficos cuja magnitude estabeleceu um antes e um depois, nós parecemos assistir neste momento a uma simultaneidade de grandes eventos de repercussões transformadoras de paradigmas. É a catástrofe da tragédia, a queda do herói. Uma construção efetivamente trágica não reside na ideia de que o herói, cego na própria grandeza, só abre os olhos na queda. A visão trágica aponta para nós mesmos caídos em ilusão pela cegueira, tragados por qualquer coisa que, de desmedida – a *hýbris*, o excesso –, perturba a nossa visão do mundo.

A ideia das revoluções paradigmáticas aparece em uma citação de Jung (1958/2011): “Estamos vivendo aquilo que os gregos chamavam de *Kairós* – o momento certo – para uma ‘metamorfose dos deuses’, isto é, dos princípios e símbolos fundamentais”. Essa citação abre o primeiro capítulo da obra *O despertar de tudo* (GRAEBER; WENDROW, 2022), em que os autores reúnem conhecimento da antropologia e da arqueologia contemporâneas para mostrar o quanto nós ignoramos o passado mais longínquo da cultura, e como as nossas noções sobre esse passado em geral não passam de preconceitos. Isso inspirou uma fala crítica sobre alguns aspectos dos mitos freudianos, observando inclusive como Freud parte de premissas infundadas para chegar em ótimos diagnósticos sobre a cultura. Isso legitima o mito freudiano, não como verdade científica, mas como alegoria ou metáfora da sua visão da pré-história – aqui entendida como o que antecede o nascimento da linguagem, no indivíduo e na espécie. O mito freudiano figurou um passado perdido para o esquecimento, e, no entanto, vivo em todos nós como uma interioridade inacessível, porém pulsante<sup>2</sup>. A figuração desse mito teria de se apoiar no conhecimento científico disponível na Europa, naquele contexto.

O pensamento científico da época era dominado pelo racismo científico: as crenças racistas eram vistas como verdades da ciência. O biólogo alemão Ernst Haeckel, tradutor e introdutor de Darwin na Alemanha, que fazia conferências para popularizar a ciência, diz no seu livro *A origem do homem* (1989) que certos humanos, então ele nomeia povos dominados pelo colonialismo na África e na Oceania, estão mais próximos de antropóides como gorilas e chimpanzés do que de um Shakespeare ou um Goethe. Haeckel foi uma referência para Freud e também para Nietzsche (Cf. RITVO, 1992; STIEGLER, 2001). Não estava em poder de um europeu naquela época não ser racista.

Na entrevista de Freud a George Viereck, um escritor alemão, passa batida uma fala que nos choca, pois nós não esperamos encontrar em Freud um ho-

<sup>2</sup> Para uma discussão sobre o tema do mito em Freud, Cf. GONDAR, 1995, p. 73-80.

mem do seu tempo. Ele observa que a natureza selvagem é cruel, mas a maldade pertence ao homem civilizado, é sua vingança contra as renúncias a que é forçado pela civilização. Aspas para Freud:

Eu prefiro a companhia dos animais à companhia humana. [...] Porque são tão mais simples. Não sofrem de uma personalidade dividida, da desintegração do ego, que resulta da tentativa do homem de adaptar-se a padrões de civilização demasiado elevados para o seu mecanismo intelectual e psíquico. O selvagem, como o animal, é cruel, mas não tem a maldade do homem civilizado (FREUD, *apud* VIERECK, 2002, p. 56).

Nietzsche (1878/2000, p. 23) também cai no conto do *selvagem*, essa generalização ignorante, em *Humano, demasiado humano*. O filósofo atribui ao pensamento onírico um funcionamento rudimentar, que teria predominado entre os humanos por longa era primitiva. Conforme “*relatos de viajantes*”, os selvagens pensariam assim ainda hoje. Podemos imaginar quantas culturas terão soçobrado sob o porrete dos colonizadores, sem grandes problemas de consciência por parte dos europeus, que atribuíam aos dominados um funcionamento mental rudimentar – sem ouvir o que eles estavam dizendo, eis a questão.

Durante séculos, pessoas foram sequestradas em massa na África e trazidas ao Brasil na condição do horror indizível. Aqui, vigorava uma unidade de profissão religiosa que os excluía, na medida em que a Igreja declarou os africanos sem alma. Para convencer os cativos a se submeter ao trabalho em condições tão ruins, a tortura era praticada em todos os cantos. Fazendas tinham o famoso tronco. Muitos dos cativos eram levados a lugares sem ninguém de origem próxima à sua, ninguém que falasse ou entendesse a sua língua. Até aprenderem português, eram chamados de boçais, daí a origem da palavra. Eram jovens recentemente aprisionados e postos em cativeiro. De modo semelhante, Freud e Nietzsche confundem a mudez do “boçal” com estupidez, primitivismo. Quem estava ali para ouvi-lo?

Segundo Graeber e Wengrow (2022, p. 53-76), alguns aventureiros ou religiosos franceses escreveram diálogos com indígenas na América do Norte. Como os gregos antigos, aqueles ameríndios teriam uma organização política baseada em decisões adotadas em assembleias, em que se debatiam os assuntos de interesse da comunidade. Por isso eles seriam debatedores imbatíveis. Montaigne (2001) escreveu em Paris sobre seus diálogos com tupinambás aqui do Rio. O Iluminismo teria nascido desse germen, do pensamento ameríndio, e

nossa surpresa com isso revela o quanto o racismo foi capaz de apagar os vestígios de vida intelectual dos povos dominados. Os textos seriam desacreditados como invenções, sob o argumento de que aquelas ideias eram muito tipicamente europeias, um "índio" nunca pensaria daquele modo. Como pensam os ameríndios?

Há muitos milênios os grupos humanos vivem em relação com a terra e com a caça, conhecem os ventos, os ciclos lunares e as estações, concebem o mundo, a vida e a morte conforme os seus mitos, com arte e religião. Quem somos nós para nos acharmos mais sabidos ou sofisticados do que esses ancestrais? Depois de pelo menos duzentos mil anos de humanidade, a nossa civilização finalmente coloca toda a espécie em risco – assim é nossa era de *hýbris*, de excesso desenfreado. Por isso é preciso lutar contra a ideia de que, com todos os problemas, a humanidade nunca viveu tão bem. A ignorância, a estreiteza de horizontes que essa tese traduz amplia a nossa enorme dificuldade de imaginar outro mundo.

Nós indagamos nas nossas origens as nossas possibilidades. Se somos um ponto do processo evolutivo de uma espécie, e todas as gerações precedentes foram predadoras, talvez seja ilusão acreditar na possibilidade de um devir diferente da repetição da violência. Por que motivo, a esta altura, nós deixaríamos de ser homem lobo do homem? Graeber e Wengrow (2022, p. 15-20) observam que as ideias sobre a infância da humanidade são variações de perspectivas criadas por dois pensadores. Um deles é Rousseau, para quem a humanidade teria caído de um estado original de inocência igualitária para a desigualdade. Um retorno a essa pacífica índole original seria, contudo, impensável, pois ela só seria concebível entre pequenos grupos selvagens. O outro pensador é Hobbes, que veria a vida dos humanos egoístas em um nada inocente estado de natureza original como solitária, brutal e curta. De acordo com essa concepção, a sociedade humana é fundada na repressão coletiva dos nossos instintos mais elementares, repressão tanto mais necessária quanto maior a quantidade de gente habitando o mesmo espaço. Mesmo os pequenos bandos primitivos não seriam igualitários, havendo sempre algum "macho alfa" em posição de liderança. A nossa sociedade se basearia desde sempre na hierarquia e na dominação. Essas perspectivas hobbesianas resumem o contexto do início da cultura para Freud (1913/2012), em *Totem e tabu*, e para Nietzsche (1887/2009), na *Genealogia da moral*.

Freud (1913/2012, p. 193-194) figurou o seu mito do nascimento da cultura a partir de uma construção de Darwin, a chamada horda primeva. A última organização social humana precedente à cultura deveria ter se organizado

em pequenas hordas com um único adulto macho, as fêmeas e os filhotes. O macho-líder é ciumento, e monopoliza as fêmeas. O filhote que se aproxima da maturidade sexual é expulso, morto ou castrado pelo pai, que um dia também sucumbe diante de um desafiador.

Os filhos expulsos tenderiam a se reunir em bandos, em que manteriam relações homossexuais, ou com uma fêmea raptada em relação poliândrica. Eventualmente eles se juntariam para atacar o pai da horda, matando-o. Mas logo a disputa pela liderança da horda os lançaria em disputa fratricida, até um novo macho adulto se estabelecer como líder. Aspas para uma passagem da longa citação direta de Darwin (*apud* FREUD, 1913/2012, p. 193) em *Totem e tabu*, sobre a ideia da horda primeva: “se olharmos bastante para trás no curso do tempo,  *julgando pelos hábitos sociais do homem tal como hoje existe [...] a concepção mais provável é de que o homem primevo originalmente viveu...*” [e então começa a descrição]. O *italico* é nosso, enfatizando a observação de Darwin de que sua hipótese sobre a horda primeva baseia-se nos hábitos de seus contemporâneos.

Na visão freudiana, o nascimento da cultura teria a ver com os laços afetivos criados entre os irmãos banidos, durante a convivência em grupo. Uma vez assassinado o pai da horda, em vez de se matar, os filhos criam um modo de convivência. Todos renunciam às fêmeas do grupo, tornando desnecessária a luta pela soberania na horda. Assim nascem as duas leis primais, as restrições ao incesto e ao parricídio.

Os irmãos renunciam às possibilidades de satisfação pulsional. Isso significa dobrar o corpo à lei, subordinar a satisfação aos interesses do grupo. A complexidade sempre maior desse jogo social, agindo a partir de dentro em cada indivíduo, propiciaria um lento desenvolvimento cultural.

Essa hipótese parece boa, pois o ser humano parece ser o único animal que interdita o incesto. A questão de também ser o único animal de cultura, faz supor que proibição de incesto seja sinônimo de cultura.

Nós não somos como as térmitas, cupins, formigas, dirigidas pelos seus instintos em favor da organização social. A humanidade teria a prerrogativa de ter sido a única espécie a organizar sua sociedade, não conforme os instintos, mas contra eles. Essa ideia, que vive em sua plenitude no pensamento de Nietzsche e no de Freud, retoma, no caso do último, a questão de só existir restrição ao incesto na cultura humana, e todos os outros animais desconhecem essa barreira.

Além disso ainda há o fenômeno da latência. Freud (1939/2018, p. 106-107) dizia que o humano é o único animal com um começo da vida sexual em

dois tempos. O primeiro desenvolvimento, completo por volta dos seis anos de idade, é banido a um estado latente, e retorna no início da puberdade. Aquele primeiro desenvolvimento seria uma memória filogênica do tempo em que a maturidade sexual na espécie deveria acontecer por volta dos seis anos de idade. A cultura moldaria a fisiologia sexual humana, fazendo com que a força do impulso sexual sucumbisse à latência, diante das poderosas forças reativas que se erguem contra os desejos de incesto e de parricídio. Por isso só o humano conhece o segundo começo da puberdade, e nenhum outro animal.

A insegurança no estado de natureza e o domínio do bando primitivo pelo macho-líder aparecem na seguinte passagem de *O mal-estar na civilização*:

De fato, o homem primitivo [...] não conhecia restrições ao instinto. Em compensação, era mínima a segurança de desfrutar essa felicidade por muito tempo. O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança. Mas não esqueçamos que na família primitiva somente o chefe gozava dessa liberdade instintual; os outros viviam em submissão escrava (FREUD, 1930/2010, p. 82).

Como vemos, Freud se baseia em interpretações hoje questionadas. Os nossos ancestrais podem ter vivido em condições muito melhores do que sonha o criador da psicanálise. Nada confirma a hipótese de que todos descendemos de um crudelíssimo pai primevo, que recorre ao parricídio e ao infanticídio para exercer o incesto em liberdade instintual irrestrita. Se Freud tivesse acesso ao conhecimento contemporâneo sobre os antropóides, poderia ter organizado seu mito científico em outros termos. Darwin pensou que, entre os primatas, nossos primos mais próximos seriam os gorilas, que vivem em pequenos bandos dominados por um único macho adulto. Atualmente a análise genética não deixa dúvidas quanto à questão de parentesco. Nossos parentes mais próximos são os chimpanzés e os bonobos, que tiveram seu último ancestral comum com a nossa espécie há uns sete milhões de anos.

Embora seja digno de nota que, em uma mesma espécie de primatas, mais de um modo de organização social costuma ser adotado, o psicanalista Anchy-ses Lopes (2013) traz informações sobre nossos primos mais próximos, oriundas da moderna primatologia, que muito interessariam a Freud. As sociedades dos chimpanzés são patriarcais, embora às vezes uma fêmea mais velha possa liderar um grupo. Existem machos alfa, mas predominam grupos de machos que se unem para dominar. Chimpanzés têm períodos de cio em que acentuam a atividade sexual. O macho copula com a fêmea por trás. São violentos e os

grupos fazem guerra por território. Indivíduos de um grupo podem atacar indivíduos desprotegidos de grupos rivais, e matá-los sem nenhum objetivo senão satisfazer a agressividade.

Os bonobos se separaram geograficamente dos chimpanzés, permanecendo em regiões com muito alimento disponível. A sua sociedade é matriarcal, os grupos são liderados por fêmeas mais velhas, que também são as mais cortejadas, mais do que as jovens. O título do artigo de Lopes diz muito sobre uma visão da atividade sexual dos bonobos: *o primata perverso polímorfo*. As líderes, por exemplo, quando em disputa tendem a convidar a oponente para um ato sexual. Beijam na boca, fazem sexo oral e masturbação mútua. Bonobos tendem a copular pela frente. Distintamente da fêmea chimpanzé, que tem apenas um mamilo protuso, a fêmea bonobo tem umas mamas de tecido adiposo. Curiosamente, essa espécie só foi conhecida no século passado. Talvez o comportamento deles fosse escandaloso demais para uma descrição científica, pode ser que não se pudesse tocar nesse tipo de coisa.

Um aspecto comum das sociedades de chimpanzés e bonobos é a inexistência de cópula entre mãe e filho. A figura do pai inexistente, só há mãe, e a amamentação é extremamente longa. Todos os antropóides têm poucos filhos e cuidam muito, por muito tempo. Distintamente dos grupos de gorilas, dominados por um único macho adulto, nossos primos mais próximos vivem em bandos com muitos machos, de prestígio social muito variável, e não existe cópula com a mãe, o que é atribuído à longa amamentação, de anos. Não se atribui essa inexistência de incesto a alguma ameaça de castração.

Essas descobertas dos primatólogos prejudicam a roupagem científica do mito da horda primeva, mas isso não quer dizer que Freud não tenha criado um bom mito para a sua própria cultura. Também se pode pensar que não faz o menor sentido buscar resposta sobre as nossas possibilidades nos outros animais, pois a cultura radicalizou demais as possibilidades do humano. De todo modo descobrimos que a tal infância violenta da humanidade era apenas um preconceito, e que não foi a interdição ao incesto que causou o nosso exílio da comunidade da natureza para as cadeias da cultura.

Freud ainda atribui à *herança arcaica*, uma memória filogênica, o pavor de ser castrado. As crianças pequenas falam que vão se casar com seus pais, sendo logo dissuadidas por um pavor ancestral, um resíduo dos tempos em que os pais efetivamente castravam os filhos. O *Id* freudiano se constituiria como um resíduo da memória de incontáveis eus, filogênicos, que se manifesta no indivíduo como um conhecimento inato sobre o mundo, algo que se pudesse comparar, apenas no aspecto da herança, aos instintos dos animais.

Se os chamados instintos [*Instinkte*] dos animais, que desde o início lhes permitem se comportar numa nova situação de vida como se ela fosse velha, há muito familiar — se essa vida instintiva dos animais admite uma explicação, só pode ser a de que trazem consigo as experiências da sua espécie para a nova existência própria, ou seja, que conservaram dentro de si as lembranças do que seus antepassados viveram. No animal humano isso não seria diferente, no fundo. Aos instintos dos animais corresponde a herança arcaica humana, ainda que seja de amplitude e conteúdo diferentes (FREUD, 1939/2018, p. 141).

Aqui entendemos esses esquemas de Freud à luz das metodologias biológicas da sua época. Embora fossem então hegemônicas as interpretações darwinistas, de mutação aleatória e sobrevivência do mais apto, a tese de Freud era lamarckista, pois insistia na existência de contribuições individuais, da ontogenia, para a herança filogênica, como herança de caracteres adquiridos. Por isso Freud se queixava da ciência darwinista que desautorizava sua construção lamarckista de herança arcaica:

Refletindo mais um pouco, devemos confessar a nós mesmos que há muito agimos como se não houvesse dúvida quanto à hereditariedade dos traços mnêmicos das vivências dos ancestrais, independentemente da comunicação direta e da influência da educação pelo tempo. Quando falamos da sobrevivência de uma tradição antiga num povo, da formação do caráter de um povo, tínhamos em mente, na maioria das vezes, essa tradição herdada, não uma transmitida por comunicação. Ou pelo menos não distinguimos entre as duas e não ficou claro para nós mesmos que tal negligência era uma ousadia. Nossa situação é dificultada ainda pela posição atual da biologia, que rejeita a transmissão hereditária de caracteres adquiridos (FREUD, 1939/2018, p. 140).

O incesto e o parricídio retornam em Freud pela lenda do Édipo. O virtuoso príncipe de Corinto indaga ao oráculo de Delfos sobre um insulto de alguém que teria questionado a sua ligação de sangue com o rei. A sacerdotisa se cala sobre isso, mas alerta Édipo sobre o perigo de que ele mate seu pai e se deite com a mãe. Ele resolve não retornar à própria casa, e segue para um ostracismo autoimposto. Cruza com um nobre arrogante, cuja guarda o agride, entra em luta corporal e mata todos eles. Encontra-se com um monstro devorador de humanos, o terror de toda a região de Tebas. O monstro que diz “decifra-me ou te devoro” pergunta “qual é o ser, que é ao mesmo tempo bípe-



de, trípede e quadrúpede?”. Ele responde: “o humano”. Livra Tebas do monstro e é aclamado rei salvador da cidade, recebendo a mão da rainha, então viúva. Uma peste se abate sobre Tebas, e a população arrasada vai implorar a Édipo que a salve outra vez. Ele envia um emissário a Delfos, e esse retorna com a mensagem de que a peste é sinal da repulsa de Apolo a uma poluição no seio de Tebas. E que, para descobrir essa poluição, Édipo deve investigar quem matou o rei Laio.

Então o herói descobre que, tão logo nasceu do casal real em Tebas, foi exposto cruelmente num monte, mas aquele que deveria se certificar da sua morte deu-o aos reis de Corinto, que o adotaram e esconderam dele a adoção. Na peça de Sófocles, o herói em autoexílio tem nostalgia da doçura dos pais. Mas, pensando fugir do destino que autocumpria, matou um rei numa encruzilhada, e esse rei era seu pai. Depois de um feito heroico, violou às cegas o leito da mãe.

Jean Pierre Vernant (2011, p. 53-71) escreveu um artigo contra a interpretação freudiana do mito de Édipo. Como helenista enciumado pela apropriação, para ele ligeira, desse mito por Freud, ele diz que Freud confunde a tragédia de Sófocles com a lenda de Édipo. Que, em versões anteriores, não havia autopunição, Édipo não se cegava nem perdia o trono. Mas Sófocles é trágico, e aí se está vivendo um alvorecer da concepção de responsabilidade na Grécia. Nasceria uma noção de que a *vontade* move engrenagens de uma *causalidade*, de modo que o humano responde por si. Essa noção de vontade está ausente na Grécia arcaica, os mortais são regidos pelos deuses. Podem cair em desgraça por desfavor divino, como uma ilusão, mas não há culpa.

Já Édipo, em Sófocles, ao saber a resposta da investigação sobre o assassinato do rei Laio, fura os próprios olhos. Vernant lembra que, para o público, o que havia de mais marcante na peça era a continuidade física de Édipo antes e depois de ele receber o resultado da investigação. Ele era o mesmo, o mesmo corpo, a mesma história. Muda a interpretação da história, algo é desnudado, e de rei-salvador ele é mudado em profanador. A queda é um abrir de olhos. Sempre em consonância com a ideia trágica de que julgar-se imune à loucura é duvidar da soberania dos deuses. Se um deus quiser nos iludir, nós poderemos evitar?

No esquema costumeiro da tragédia grega, o herói, depois de certos feitos, embriaga-se de si mesmo, como quem se vê elevado acima dos mortais. Assim, confunde-se com um deus. Isso seria a maior falta de moderação, desmedida, o *excesso*, a *hýbris*, que já é cegueira. Essa moral da medida encontraria um enquadramento na religião: “conhece-te a ti mesmo”, do tem-

plo de Apolo, seria o mesmo de “não te esqueças de que és mortal, não és um deus”. Cego sobre si mesmo, o herói urde a própria queda. Édipo, vencedor da esfinge, tinha uma tal virtude guerreira, força, astúcia, que suas realizações pareciam convencer a ele mesmo de que não habitava a mesma dimensão dos outros mortais. Há uma interpretação baseada na rima, em grego (VERNANT, 2011, p. 84). Vou ilustrar com uns versos de Cálice, de Chico Buarque. Ele diz “de que me vale ser filho da santa?/ melhor seria ser filho da outra/ outra realidade menos morta/ tanta mentira tanta força bruta”. É a palavra “bruta” que revela aquilo que a censura havia substituído: “de que me vale ser filho da santa?/ melhor seria ser filho da puta/ outra realidade menos morta/ tanta mentira, tanta força bruta”. Pois a esfinge pergunta a Édipo, que era o “pés-inchados”, *Oidípous*, “qual é o ser, que é ao mesmo tempo *dípous*, *trípous* e *tetrápous*?” Em vez de dizer o próprio nome, que rima com a pergunta, ele responde *anthropos*, o humano. Ali Édipo já tirava o corpo fora da condição humana. Vernant (2011, p. 84) diz que aquela “pseudoresposta” só é um saber na aparência: “ela mascara o verdadeiro problema: o que é então o homem? O que é Édipo?”

Ainda a respeito da lenda do Édipo chama a atenção um aspecto do artigo de Anchyses Lopes (2013, p. 24) sobre os primatas. Ele diz ser relatado entre chipanzés que “um macho adulto jamais copula com sua mãe biológica ou adotiva, assim como é descrito que, se criado com uma irmã, biológica ou não, também não terá relações sexuais com ela”. Então até onde não há cultura, no universo dos primatas, mãe é quem cria, irmão é quem é criado junto. Por que então não pensar que os únicos verdadeiros pais de Édipo estavam em Corinto, não em Tebas?

Uma fenda se abre sempre pois tudo precisa morrer. Uma fenda se abre inclusive no casco do navio. É preciso que se morra, para ter nascimento. A questão é de se ter alguma generosidade com o futuro, e não comprometer as condições de existência de gerações futuras. Com que mitos nós espelhamos o futuro? – Quais são os nossos mitos? Como é que nós iremos contar a história de como chegamos até aqui? O que poderá nos servir de farol, em termos das nossas possibilidades?

### Tramitação

Recebido 12/06/2024

Aprovado 17/06/2024

## Referências

FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18).

\_\_\_\_\_. *Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Obras completas, 11).

\_\_\_\_\_. *Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras completas, 19).

GONDAR, J. *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

GRAEBER, D.; WENDROW, D. *O despertar de tudo: uma nova história da humanidade*. Tradução de Denise Bottmann, Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

HAECKEL, E. *A origem do homem*. São Paulo: Global, 1989.

JUNG, C. G. *Civilização em transição*. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas de C. G. Jung, v. X/3).

LOPES, A. J. O primata perverso polimorfo. *Estudos de Psicanálise* (Impresso), Belo Horizonte, v. 40, p. 21-30, 2013.

MONTAIGNE, M. *Os ensaios*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, F. (1878). *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. (1887). *A genealogia da moral*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RITVO, L. B. *A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências*. Tradução de Júlio César Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

STIEGLER, B. *Nietzsche et la biologie*. Paris: Imprimerie des Presses Universitaires de France, 2001.

VERNANT, J. P.; NAQUET, P. V. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

VIERECK, G. S. O valor da vida (Uma entrevista rara de Freud). Tradução de Paulo Cesar de Souza. *Ide*, São Paulo, v. 42, n. 69, p. 11-15, jun. 2020.